

# Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930)<sup>1</sup>

## Catholic Labor Confederation: discourse practice and Catholic orientation for work in Belo Horizonte (1919-1930)

Deivison Gonçalves Amaral<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo será de analisar a atuação da Confederação Católica do Trabalho junto aos trabalhadores de Belo Horizonte, entre 1919 e 1930. Para tanto, são consideradas a prática discursiva católica, a luta por direitos e por melhores condições de vida e a mediação dos conflitos entre capital e trabalho. A entidade, orientada pela encíclica **Rerum Novarum**, foi a difusora do catolicismo junto aos trabalhadores de Belo Horizonte. A metodologia da análise do discurso é utilizada com o objetivo de perceber o papel das práticas discursivas católicas e a inserção do catolicismo entre os trabalhadores de Belo Horizonte. As fontes nucleares da pesquisa são **O Operário** e os **Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte**. Críticas comumente feitas que atribuem a esse tipo de ação reformista a responsabilidade por um movimento operário pouco autônomo ou “amarelo” são contrariadas. Tentamos demonstrar que a estratégia sindical reformista católica buscou atender às demandas urgentes dos trabalhadores: jornada de oito horas, descanso dominical e habitações.

**Palavras-chave:** Reformismo; Discurso católico; Catolicismo e trabalho.

A Confederação Católica do Trabalho foi uma instituição que atuou junto aos trabalhadores de Belo Horizonte, a partir de 1919. Embora classificada como confederação, a entidade era uma associação inter-sindical, profissionalmente indiferenciada, com atuação direta limitada

---

1. Artigo recebido em junho/2007 e aceito em julho/2007.

2. Mestre em Ciências Sociais e graduado em História (PUC Minas), professor do curso de História da Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha – Fevale/UEMG, de Diamantina. Dissertação de mestrado com o mesmo título foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, com bolsa de estudos concedida pela Fapemig. e-mail: deivison.amaral@uol.com.br

ao espaço da cidade. Sob a bandeira do catolicismo social, a entidade aglutinou em torno de si a maioria dos sindicatos e associações de trabalhadores da cidade, durante a década de 1920, e apresentou diretrizes para as vivências cotidianas e do mundo do trabalho. A entidade tinha uma ligação muito forte com a Igreja que, mais que fornecer a ideologia que balizava suas ações, ocupava espaços em sua administração. Pela influência exercida sobre os trabalhadores, a Confederação Católica do Trabalho constituiu elo entre os empregadores, o poder público e a classe trabalhadora da cidade.

A análise da atuação da Confederação Católica do Trabalho junto aos trabalhadores de Belo Horizonte, entre 1919 e 1930, constitui o objeto central em estudo neste artigo. Para tanto, são consideradas as práticas discursivas, as campanhas empreendidas pela conquista de direitos e melhores condições de vida e o papel exercido pela entidade como mediadora dos conflitos entre capital e trabalho e difusora das diretrizes do catolicismo para as vivências no mundo do trabalho e no cotidiano da cidade.

As principais fontes analisadas foram **O Operário**, órgão oficial da confederação, os estatutos da entidade e os dos **Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte**. O exame dessas séries documentais possibilitou analisar o discurso difundido sobre o catolicismo e, ainda, a forma de encaminhamento das reivindicações utilizada pela entidade.

A fonte nuclear desta pesquisa é, de fato, o semanário publicado pela entidade **O Operário**. O semanário foi locutor e emissor material do discurso católico para os trabalhadores, e o periódico operário com a circulação mais contínua, durante a década de 1920. Nesse sentido, é importante destacar o papel da imprensa operária, que pode ser um rico corpo documental capaz de oferecer

dados acerca de formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, repostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumentos essenciais de politização e arregimentação. (DE LUCA, 2005, p. 119)

No primeiro número do jornal **O Operário**, a Confederação Católica do Trabalho destacava a importância da imprensa operária na orientação dos trabalhadores:

Temos tanta necessidade da imprensa, quanto de pulmões para respirar. Só as reuniões e as conferencias não alcançam fins satisfactorios. Muitos, por preguiça ou por motivos acceitaveis, não freqüentam sessões.

**O Operário** vai ser o éco fiel, o espelho nítido das necessidades trabalhistas, procurando arrastar o operariado para uma solução justa e pacífica de suas questões sem desordens e violencias, sem prejuizo e odio para as outras classes!<sup>3</sup>

Esse trecho traduz a proposta da Confederação Católica do Trabalho para o encaminhamento das lutas no mundo do trabalho, o que significava conduzir a luta por direitos para os trabalhadores na busca de soluções pacíficas para as questões. O órgão oficial da Confederação foi também o principal instrumento de divulgação do catolicismo entre os trabalhadores da cidade. Embora não existam dados exatos referentes à distribuição do jornal é possível apreender que, devido a sua publicação contínua desde a criação, em 1919, e, ainda, devido ao seu conteúdo, ele tinha aceitação entre os trabalhadores. O conteúdo do jornal era variado: de artigos dogmáticos católicos até a divulgação de cursos e eventos sociais para operários. A análise do discurso do catolicismo com base nos textos publicados em **O Operário** é muito importante para se compreender a influência exercida pela entidade sobre os trabalhadores da cidade. Os textos continham discurso moralista, contrário a outras ideologias, tais quais o anarquismo e o socialismo, e, ainda, visavam moldar o comportamento militante e cotidiano dos trabalhadores da cidade. Nenhum outro jornal da chamada imprensa operária teve circulação comparável à do órgão oficial da Confederação Católica do Trabalho. Os poucos jornais com linha editorial contrária ao catolicismo tiveram circulação efêmera na cidade.

A perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso, *a priori* do campo da lingüística, é muito importante à pesquisa apresentada neste artigo. Tal perspectiva passou a integrar a análise histórica de documentos que, a partir da segunda metade do século XX, sobretudo sob influência da terceira geração da chamada Escola dos Annales,<sup>4</sup> sofreu transformações, e uma perspectiva interdisciplinar propiciou aportes analíticos provenientes de outras ciências humanas, como a sociologia, a psicanálise, a antropologia, a lingüística e a semiótica (BURKE, 1991). A análise do discurso representa, nesta pesquisa, teoria de auxílio à leitura dos documentos em forma adotada no campo

3. "Nosso programma". **O Operário**, Belo Horizonte, anno 1, n. 1, 19 jun. 1920. p. 1.

4. Entre os integrantes da terceira geração dos Annales, destacavam-se François Furet, Georges Duby, Jacques Le Goff, Jacques Revel e Michèle Perrot.

das ciências sociais (IÑIGUEZ, 2004). Nesse sentido, a pesquisa não é feita com o rigor semântico dos lingüistas, e a metodologia é entendida como um conjunto de métodos qualitativos à disposição das outras disciplinas, como caixa de ferramentas que permite construir interpretações (MAINGUENEAU, 2006).

Dentre as várias perspectivas metodológicas da análise do discurso, interessa a este estudo a orientação francesa, sobretudo a que advém dos apontamentos feitos por Michel Foucault sobre o discurso. Na perspectiva foucaultiana, o discurso é uma prática social e, como tal, possibilita definir a condição em que foi produzido. Esse contexto que influencia a construção dos discursos é a *formação discursiva*.

O entendimento de discurso adotado aqui é o que Lupicinio Iñiguez definiu como “um conjunto de práticas lingüísticas que mantêm e promovem certas relações sociais” (2004, p. 125), por ser a conceituação que mais se aproximaria do uso nas ciências sociais e humanas. Ainda segundo o autor, os discursos articulam um conjunto de condições que permitem determinadas práticas, constroem cenários facilitadores ou dificultadores de certas práticas, criam regras e mantêm relações. “Definitivamente, as práticas discursivas deixam claro que falar não é só algo mais como também é algo diferente de exteriorizar um pensamento ou descrever uma realidade: falar é fazer algo, é criar aquilo de que se fala, quando se fala” (IÑIGUEZ, 2004, p. 94-95).

A análise aqui feita está centrada no discurso religioso voltado para as relações de trabalho e nas estratégias discursivas de uma instituição, empregadas no sentido de disseminar sua forma de ação. Nesse sentido, o discurso religioso possui uma característica importante, a de ser bastante persuasivo. Citelli (1991) destaca a relação entre a linguagem e a persuasão no discurso religioso. O autor demonstra que, dada a realidade imaterial do sujeito emissor (Deus), a formação discursiva religiosa é a mais explicitamente persuasiva entre todos os discursos autoritário-persuasivos.

As reflexões de Foucault sobre a relação entre o discurso e as doutrinas (entre elas a religião) também são importantes a esta pesquisa. A construção e a dispersão dos discursos religiosos obedecem a uma lógica de coerção e ordenamento, proíbem os enunciados que lhes são exteriores e os utilizam para, de forma relacional, afirmar sua singularidade ou sua diferença (FOUCAULT, 2005).

A característica relacional evidenciada por Foucault pode ser entendida com maior clareza se o discurso for considerado como pos-

suidor de duas dimensões: o intradiscurso e o interdiscurso. O intradiscurso refere-se ao conteúdo discursivo produzido sob a influência de uma formação discursiva específica. O intradiscurso é, portanto, o conteúdo interno do discurso produzido em uma condição específica de produção, limitada pelos parâmetros da formação discursiva a que ele pertence. Por sua vez, é no interdiscurso que o discurso se afirma em oposição a outros discursos. Em sua dimensão interdiscursiva, o discurso constitui-se pela oposição a outros enunciados (FARIA, 2001).

A ação da Confederação Católica do Trabalho baseava-se no catolicismo social, oficializado com a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, editada pelo papa Leão XIII, em 15 de maio de 1891. Em linhas gerais, a encíclica reforçava o direito à propriedade privada e a necessidade de harmonia entre as classes sociais, ao apontar a ação católica como uma prática regeneradora dos malefícios do liberalismo moderno. A *Rerum Novarum* condenava as idéias socialistas e anarquistas. À medida que defendia a propriedade e a harmonia entre as classes, a encíclica julgava serem essas ideologias desordeiras e agressoras ao direito de propriedade do indivíduo. O documento discute temas que, para a Igreja, são fundamentais para a resolução da questão social: o corporativismo, a harmonia e a cooperação entre as classes, a propriedade privada, o papel do Estado na sociedade moderna e, por último, a crítica ao socialismo, que perpassa todos os anteriores.

Leão XIII tentou, com a *Rerum Novarum*, lançar um projeto de transformação social que se legitimasse perante a sociedade como a verdadeira modernidade. Assim, evocou o passado da Igreja e buscou verdades que considerava fundamentais e inalteráveis. Tentava com isso estabelecer parâmetros para constituir uma nova organização mundial, nos quais a Igreja se afirmaria novamente como a “consciência moral do mundo” (SOUZA, 2002). Buscou, então, em São Tomás de Aquino, subsídios para enfrentar o racionalismo moderno e reconquistar o espaço perdido pela instituição. São Tomás de Aquino acreditava que, por meio da razão, seria possível chegar às verdades supremas. Por essa perspectiva, Leão XIII buscava uma ação da Igreja mais condizente com as necessidades postas pela modernidade, sem, no entanto, abandonar os dogmas e as tradições católicas.

Para reconquistar o papel de “consciência moral do mundo”, a Igreja Romana realizou o que Eric Hobsbawn e Terence Ranger (2002) denominaram de operacionalização das tradições inventadas, ou seja, reinterpretou o passado, ritualizou-o e o adaptou às necessidades pre-

sentes. Segundo os autores, frente a novos desafios políticos e ideológicos, instituições como a Igreja, “com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação” (p. 13).

A Igreja, dessa forma, buscou no corporativismo os princípios da solidariedade e da harmonia entre as classes. Com o conservadorismo e o apelo às tradições, a Igreja reagia contra a ameaça de transformação radical da sociedade advinda do socialismo. Segundo Souza (2002), “Leão XIII investiu plenamente na manutenção das tradições católicas. Neste aspecto foi tão conservador, no sentido de manter o *ethos* cultural dominante, quanto seus antecessores” (p. 54). No caso da Igreja Católica, o conservadorismo – ou atitude de apego ao passado ou de temor ao futuro – é efeito do medo do futuro resultante das consequências das revoluções burguesas e do advento da ideologia socialista.

Leão XIII defendia a harmonia entre classes e argumentava que patrões e operários, ricos e pobres, não deviam se digladiar, pois advinham da organização natural da sociedade, portanto, elementos complementares. Em síntese, a Igreja propunha com a *Rerum Novarum* um sistema que garantisse a liberdade, a propriedade privada e a harmonia entre as classes sociais. Tal sistema deveria garantir aos trabalhadores o atendimento das necessidades materiais básicas. Para os objetivos desta pesquisa, a doutrina social da Igreja é considerada a formação discursiva sob a qual se construiu o discurso católico no Brasil da Primeira República, em especial, na cidade de Belo Horizonte.

## Formação da classe trabalhadora em Belo Horizonte

A formação da classe trabalhadora de Belo Horizonte está diretamente ligada ao processo de criação da cidade. Belo Horizonte começou a ser construída em 1893 e foi inaugurada em 1897, quando Ouro Preto deixou de ser oficialmente a capital de Minas Gerais. Primeira cidade planejada do Brasil, Belo Horizonte foi inventada com base nos ideais de modernidade e de progresso positivistas característicos do século XIX. O projeto de Aarão Reis para a cidade é reflexo da utopia urbana da cidade ideal, caracterizada pela idéia de higienização. Nesse sentido, “as cidades, desde o final do século XIX, foram demarcadas em termos da divisão e circulação dos diferentes grupos sociais” e os espaços reservados aos menos favorecidos eram escolhidos numa perspectiva segregatória (VERIANO, 2001, p. 90).

Durante as primeiras décadas do século XX, foram significativos os esforços dos trabalhadores, organizados em Belo Horizonte para reivindicar moradias operárias. A pressão deles fez com que a prefeitura começasse a formalizar áreas para a criação de moradias para os operários, já nos primeiros anos após a inauguração da cidade. Uma análise dos **Annaes do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte** demonstra a recorrência das reivindicações com esse propósito, que passaram de forma mais sistemática às pautas de discussão a partir de 1917.

A formação do operariado belo-horizontino é, portanto, fruto da mão-de-obra que veio para construir a cidade. À proporção que o ritmo das construções diminuiu, os trabalhadores foram absorvidos por outros setores da economia que se desenvolviam na cidade, como a indústria têxtil, metalúrgica, madeireira, cerâmica, alimentos e de serviços em geral. “O mito da cidade administrativa desaparecia à medida que se alterava sua estrutura ocupacional. A década de 1920 foi uma época de crescimento acelerado, estimulado pelo setor privado” (VERIANO, 2001, p. 168).

Segundo Dutra (1988), em linhas gerais, as condições de trabalho no período estudado eram as piores possíveis. Os locais de trabalho eram insalubres, e os trabalhadores submetidos a jornadas muito extensas. As vilas operárias não possuíam boas condições de higiene, e a proliferação dos casebres deu origem às primeiras favelas da cidade (p. 63).

O vigor do catolicismo junto aos trabalhadores, em Belo Horizonte, foi um dos elementos definidores do que foi chamado por Sérgio da Mata (1996) de “mito da Minas católica”. Segundo o autor, o mito da Minas católica encontrou sua formulação definitiva durante a década de 1930, articulado às demandas político-ideológicas do momento. O papel dos grupos leigos já existentes em Minas Gerais foi, nesse sentido, elemento essencial para que o discurso católico difundido pelo clero e pelas elites políticas mineiras obtivesse êxito.

A Confederação Católica do Trabalho foi, nesse contexto, uma instituição que auxiliou na difusão do catolicismo junto aos trabalhadores e representou para o mundo do trabalho, em Belo Horizonte, um elo que organizou o movimento para formar uma identidade operária, uma autoconsciência da condição de trabalhador que precisa agir politicamente para conquistar benefícios sociais, mesmo que para isso a Igreja tenha exercido uma influência na forma de agir. O discurso católico foi, então, elemento crucial na difusão do catolicismo na capital mineira, na década de 1920.

## Práticas discursivas católicas em Belo Horizonte

A Confederação Católica do Trabalho, visando a incorporar às práticas cotidianas dos trabalhadores de Belo Horizonte seus valores morais e sua orientação para as relações de trabalho, divulgou uma série de enunciados, sobretudo, no semanário **O Operário**. A prática discursiva da entidade estava alinhada com a orientação católica, enunciada na encíclica *Rerum Novarum*. Ao discursar sobre a harmonia entre as classes, contra as idéias socialistas, pela fusão da fé e do trabalho e, ainda, ao fazer os apelos morais baseados na fé católica, a entidade promovia a difusão da proposta da Igreja para o enfrentamento da questão social e, concomitantemente, promovia os princípios cristãos na sociedade.

### O discurso contra o socialismo e o anarquismo

A crítica ao socialismo perpassa todas as principais questões da encíclica *Rerum Novarum*, de 1891. Ao se opor às posições socialistas sobre a propriedade privada, o papel do Estado e o conflito de classes, a carta declarava guerra aos principais conceitos e argumentos socialistas. Com essa formação discursiva, inspirada na Doutrina Social da Igreja, a Confederação Católica do Trabalho se dirigia aos trabalhadores de Belo Horizonte com o objetivo de educá-los sob a influência desses preceitos. As críticas feitas ao socialismo são bastante emblemáticas para demonstrar as práticas discursivas utilizadas pela Confederação Católica do Trabalho. A afirmação do catolicismo se dava, então, na dimensão interdiscursiva, ou seja, pela contraposição ao socialismo.

O discurso articulado pela entidade no jornal **O Operário** visava a construir uma imagem do socialismo como sinônimo de destruição e violência. Dessa forma, as práticas discursivas católicas buscavam definir os campos ideológicos para o posicionamento frente à questão social. O argumento da Confederação Católica do Trabalho, na cidade, era o da impossibilidade de um católico aderir às ideologias socialista e anarquista. Interdiscursivamente, por meio da contraposição com o socialismo e o anarquismo, a Confederação Católica do Trabalho construía seu discurso de valorização do catolicismo como instrumento para enfrentar a questão social.

O discurso de possível coexistência pacífica entre anarquistas e católicos e a idéia de que a questão da crença não influenciaria no objetivo compartilhado de defender o proletariado são refutados pela Con-



federação Católica do Trabalho. O argumento é que as práticas anarquistas atentavam contra a crença católica, a exemplo, publicações “incendiárias” que atacavam a fé, “principalmente a fé catholica”. Não aceitar a imprensa socialista e refutar qualquer aproximação com essas ideologias seriam questões de profilaxia social, ou seja, evitar que a sociedade fosse contaminada por essa doença que causaria a destruição da fé católica. A Confederação Católica do Trabalho tentava, dessa forma, delimitar os campos de enfrentamento do problema social.

No artigo intitulado “Campos separados!”, a definição do socialismo e da orientação católica como os únicos caminhos para o enfrentamento da questão social é reforçada. Novamente, o campo do catolicismo é reafirmado como a direção certa a ser seguida. O enfrentamento da questão social era o objetivo comum a ambos os campos, mas os pressupostos e os métodos eram identificados como essencialmente diferentes.

Despertaes. Para resolver as vossas questões há 2 campos separados: o campo socialista que se serve de vos como simples instrumento para a execução de planos de cubiça e dominação e no qual vosa fé encontra destruição certa; e o campo catholico, em que, sem arreganhos nem promessas fallazes, vossos direitos são gradualmente defendidos com zelo e nobreza, conservando-se ao mesmo tempo o thesouro espiritual do vosso ser! São campos separados!

Não deveis encaminhar-vos para o campo dos lobos!

Organizae-vos pois, na Confederação Catholica do Trabalho [...] (O Operário, 1921, p. 1-2)

O esforço de demarcação dos campos perpassa pela associação do socialismo e do anarquismo a idéias negativas, tais como ruína, morte e destruição, normalmente ligadas a questões morais e religiosas. Os apelos eram dramáticos e buscavam construir uma imagem repulsiva dos anarquistas e dos socialistas. A definição dos campos também ocorria pela apresentação e afirmação do catolicismo, relacionada às características e virtudes do operário cristão, que não devia se deixar influenciar por idéias contrárias ao catolicismo (BORIS, 1921, p. 3).

O uso da oposição é, nesse sentido, instrumento recorrente da Confederação Católica do Trabalho no discurso a favor do catolicismo. A entidade recorre ao interdiscurso para construir sua argumentação e dotá-la de sentido. À medida que demarca os campos de enfrentamento da questão social por meio da oposição, e mesmo da proibição de outros enunciados aos trabalhadores, a entidade tenta fortalecer discursivamente sua doutrina. Segundo Mauro Passos (1986), o apelo

contra o socialismo, fundamentado na dimensão da moral religiosa, fazia com que os trabalhadores internalizassem, por meio do discurso da Confederação Católica do Trabalho, pautas de comportamento guiadas por princípios cristãos (p. 161).

A definição dos campos separados e opostos apresenta-se em consonância com as observações de Foucault sobre os discursos religiosos. Foucault (2005) afirma que certos enunciados doutrinários, como os citados anteriormente, ligam os indivíduos sob um discurso e lhes proíbem outros.

Ao demarcar os campos opostos de enfrentamento da questão social, a Confederação Católica do Trabalho tentava vincular o trabalhador a uma enunciação peculiar ao padrão de comportamento e à forma de ação dos católicos. Ao mesmo tempo, por meio da associação dos anarquistas e socialistas, as imagens, muitas vezes hediondas, tentavam influenciar os trabalhadores no sentido de evitar seu afastamento do campo do catolicismo. Essa dinâmica propiciava também, pela demarcação das diferenças, das alteridades, o fortalecimento dos vínculos identitários dos trabalhadores católicos.

## O discurso da harmonia entre as classes

Em consonância com os escritos de Leão XIII, a Confederação Católica do Trabalho pregava a harmonia entre as classes e tentava demonstrar a impossibilidade de nivelamento e de igualdade social. A igualdade de classes era considerada “inexeqüível e iníqua”. Assim, a entidade atacava a idéia socialista de sociedade sem classes e a considerava contrária à natureza humana.

A colaboração entre as classes foi também tema tratado de forma recorrente nos textos do órgão oficial **O Operário**. Pela defesa da idéia de cooperação entre capital e trabalho, a Confederação Católica do Trabalho discursava a favor da harmonia e da ordem nas relações do trabalho. O discurso da entidade era inspirado nas idéias do papa Leão XIII, ou seja, no argumento de que as classes são naturais e complementares (AMARAL, 1925, p. 3).

A harmonia e a cooperação entre as classes eram bandeiras defendidas recorrentemente pela Confederação Católica do Trabalho, em Belo Horizonte. Reflexo disso é a forma de agir da entidade, que sempre buscava resolver os impasses de forma pacífica, sem utilizar o recurso das manifestações públicas ou greves. As reivindicações eram

encaminhadas pela entidade diretamente ao poder público. Com seu poder de barganha, buscava o atendimento, na medida do possível, das demandas dos trabalhadores. Sua orientação, em diferentes ocasiões, contribuiu para que práticas que pudessem ser identificadas como agressoras à ordem cidadina fossem bastante incomuns durante a década de 1920 (DUTRA, 1988, p. 172).

O princípio da colaboração entre as classes apresentou-se como uma atenuante nas relações entre os trabalhadores e o poder público. O discurso da harmonia e da ordem social condizia com as ambições da classe política e da classe empresarial, na medida em que facilitava a estabilidade nas relações com os trabalhadores. Dessa forma, a Confederação Católica do Trabalho, ao defender os princípios da Igreja, conquistava o respeito dos governantes e dos empresários. Assim, transformava-se em elemento articulador importante na tríplice relação existente entre trabalhadores, empresários e poder público, em Belo Horizonte, na década de 1920.

## O discurso moralista da Confederação Católica do Trabalho

O apelo moralista era constante nos textos publicados no órgão oficial **O Operário**. Seguindo a orientação da Igreja, expressa na Carta Encíclica *Rerum Novarum*, a Confederação Católica do Trabalho discursava em defesa de uma moral amparada nos preceitos cristãos. Tentava, dessa forma, defender a sociedade da “corrupção dos costumes” (LIGA PELA MORALIDADE. **O Operário**, 1920, p. 1) e discursava contra os comportamentos considerados agressivos à moral e à ordem. Os principais alvos da crítica da entidade eram práticas presentes no cotidiano dos trabalhadores e dos demais habitantes de Belo Horizonte, tais quais, os filmes exibidos nos cinemas da cidade, os bailes, o comportamento das moças, o vestuário, entre outras questões.

O discurso moralista da Confederação Católica do Trabalho extrapolava o disciplinamento dos trabalhadores nas relações de trabalho. A entidade também buscava oferecer uma formação moral voltada para o comportamento cotidiano dos trabalhadores, na sociedade como um todo. Nesse sentido, enunciados morais eram divulgados, regras de comportamento para as moças ditadas e listas de filmes considerados moralmente aceitáveis e que não seriam corruptores dos costumes divulgadas.

## Catolicismo e trabalho

Entre os temas abordados nos artigos do órgão oficial **O Operário**, destaca-se a relação entre fé católica e trabalho. O discurso era o de restauração dos valores cristãos como objetivo de tornar as relações de trabalho mais harmoniosas e menos sofridas para os trabalhadores. Dessa forma, a Confederação Católica do Trabalho tentava disseminar a fé católica entre os trabalhadores, caracterizando-a como elemento imprescindível às relações de trabalho.

A decadência da condição moral e social dos trabalhadores era, no discurso da Confederação Católica do Trabalho, atribuída à falta de fé e ao fim das corporações de bem. O argumento da entidade era que somente as corporações católicas seriam capazes de oferecer ao trabalhador apoio em todas as dimensões sociais e humanas necessárias à restauração da dignidade do trabalho e da vida. Mauro Passos (1986) afirma:

O tema da dignidade do trabalho é uma constante. O pensamento cristão sobre o trabalho fica numa perspectiva ética. O antagonismo entre capital e trabalho não é analisado. Os conflitos existentes na sociedade encontram suas soluções na colaboração entre as classes sociais e na “restauração” dos valores cristãos para a sociedade. [...] Não se faz uma análise mais profunda das circunstâncias estruturais da análise econômica da sociedade. O aspecto moral e religioso torna-se prioritário, seguindo assim a linha mestra da encíclica *Rerum Novarum*. (p. 173-174)

Nesse trecho, Passos ressalta não haver uma preocupação por parte da Igreja e, é claro, da Confederação Católica do Trabalho, com as questões econômicas do mundo do trabalho. No entanto, com a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, a Igreja assumiu a existência do conflito entre capital e trabalho, caracterizando-o como decorrência da exacerbação das práticas liberais e pela ausência da fé católica. Depois disso, então, a questão social entrou na pauta de discussão da Igreja. De fato, o que difere o entendimento do catolicismo sobre a questão social das outras ideologias é a forma de enfrentamento do problema. Ao discursar em prol da união entre a fé católica e o trabalho, a Confederação Católica do Trabalho põe em prática os conceitos de harmonia e cooperação de classes defendidos pela encíclica *Rerum Novarum*. Dessa forma, também contribuía para minimizar os conflitos sociais e buscava soluções diferenciadas para essa questão.

A relação entre catolicismo e trabalho é muito enfatizada no discurso da Confederação Católica do Trabalho. Ao relacionar a crença religiosa com a superação de algumas mazelas advindas do conflito entre capital e trabalho, a entidade tentava unir os trabalhadores na fé católica. Nesse sentido, as noções de fé e trabalho se fundem e, ao defender melhores condições para os trabalhadores, a entidade trabalhava também na expansão da fé católica.

## A luta por direitos

Além de difundir o catolicismo entre os trabalhadores de Belo Horizonte, a Confederação Católica do Trabalho atuava também na dimensão material da luta por direitos e por melhorias nas condições de trabalho e vida dos trabalhadores. Todas as ações da Confederação foram perpassadas pela fé, mas questões objetivas, como a jornada de trabalho, os salários e o direito às moradias, também foram tratadas pela entidade. Tais ações visavam conquistar para o trabalhador o lugar que não fora reservado a ele no planejamento inicial da cidade.

Em linhas gerais, durante os primeiros anos de existência de Belo Horizonte, os principais problemas enfrentados pelas camadas menos favorecidas da população estavam relacionados com a questão da habitação e com a pobreza. O poder público de Belo Horizonte teve que buscar formas de inserir os trabalhadores ao espaço urbano da capital e controlá-los, até mesmo para garantir que ocupassem espaços subalternos da cidade.

Todo o conjunto de homens e mulheres que, durante os primeiros vinte anos desde a fundação de Belo Horizonte, trabalhou na construção da cidade, ou mesmo em outros setores, pleiteava espaços para moradia, espaços estes que não foram planejados pelos idealizadores da nova capital de Minas Gerais. Desde o início, os trabalhadores se assentaram nas zonas suburbanas da cidade, que não apresentavam condições básicas de higiene e saneamento. Essas regiões, posteriormente, foram oficializadas pelo poder público da cidade como espaços para habitações populares. Durante a primeira década do século XX, vários terrenos das zonas suburbanas foram doados pela prefeitura a trabalhadores que deviam se comprometer a construir suas moradias em, no máximo, dois anos. O que acontecia normalmente é que os trabalhadores não conseguiam cumprir os prazos fixados para a construção de suas casas, enfrentavam problemas com a prefeitura e perdiam os terrenos.

Dentre as lutas encaminhadas pela Confederação Católica do Trabalho, durante a década de 1920, destacou-se a que buscava garantir a posse dos terrenos e renovar os prazos para as construções das moradias populares. A atuação da Confederação, basicamente, de duas formas: a primeira, pela assistência jurídica aos trabalhadores para a obtenção da revalidação da posse dos lotes; a segunda, pelo incentivo à criação da *Cooperativa Constructora de Casas Operarias Limitada*. Tais medidas podem ser consideradas ações assistencialistas empreendidas pela entidade. Alguns autores bastante críticos do assistencialismo no movimento operário chegaram a considerá-lo como um “desvio do sindicato de seu campo de ação peculiar”, ou seja, a luta dos trabalhadores pela transformação social (RODRIGUES, 1968 *apud* FORTES, 1999, p. 175). Essa interpretação, todavia, desconsidera nas alternativas assistencialistas o atendimento às demandas dos trabalhadores em contextos específicos. Nesses contextos, o assistencialismo pode ter sido uma forma eficaz de luta operária. Alexandre Fortes (1999) critica os estudos que não consideram o assistencialismo um desvio da luta sindical e que não levam em conta os anseios dos trabalhadores em contextos particulares, nos quais tal alternativa pode ser eficaz. As campanhas da Confederação Católica do Trabalho em prol da habitação obtiveram êxito, e algumas medidas legais foram tomadas pelo poder público de Belo Horizonte para facilitar o acesso dos trabalhadores à moradia.

As condições de trabalho também eram agravantes das condições de vida na cidade. Segundo Veriano (2001), o descontentamento social era uma condição real das relações sociais e de trabalho. “Como o ritmo de trabalho era intenso e havia um tempo determinado para acabar a obra, as condições sociais cada vez se deterioravam mais, causando indignação e repulsa nos trabalhadores” (p. 101). As jornadas alongadas foram motivos de queixas constantes e, durante a década de 1910, a situação chegou ao ápice e desencadeou a greve de 1912. Durante a década de 1920, a Confederação liderou campanhas pelo cumprimento da jornada de trabalho de 8 horas e pelo descanso dominical.

Se, por um lado, a Confederação Católica do Trabalho atuou na educação pela fé, fortalecendo o catolicismo como “consciência moral do mundo”, por outro, consciente da situação vivenciada pelos trabalhadores no cotidiano de Belo Horizonte, concentrou-se também no apoio à luta dos operários por direitos trabalhistas e pela melhoria das condições de vida. Dessa forma, durante a década de 1920, a entidade encaminhou diversas reivindicações ao poder público e aos empregados

dores de Belo Horizonte, fez campanhas para garantir aos trabalhadores o respeito à jornada de trabalho de oito horas, o salário justo, o descanso dominical e a conquista de habitações populares. As campanhas eram encaminhadas com respeito aos princípios expostos nos estatutos da entidade e na orientação do catolicismo social, ou seja, com base nas idéias de que a ação operária não devia excluir a Igreja nem prescindir da harmonia social.

Temas como a jornada de trabalho de oito horas, o descanso semanal e as habitações populares coincidem com as reivindicações feitas por trabalhadores de outras regiões do Brasil e ocuparam as pautas de reivindicações de trabalhadores em outras cidades do Brasil, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Belo Horizonte, no entanto, é uma experiência diversa das comumente estudadas, justamente pela presença expressiva do catolicismo na organização dos trabalhadores. As vivências dos trabalhadores na capital mineira não são classificáveis no estereótipo que se criou sobre o trabalhador cidadão da Primeira República: imigrante, geralmente italiano, e anarquista. Essa generalização não permite demonstrar a “multiplicidade de experiências e a pluralidade de expressões” dos trabalhadores brasileiros da Primeira República (BATALHA, 2000, p. 8).

A forma de ação da Confederação está inserida no que a historiografia do movimento operário denomina de sindicalismo reformista, que foi chamado por muitos autores de “amarelo” ou “dócil”. No entanto, essas denominações carregam uma significação pejorativa que, nos últimos anos, tem gerado um debate fecundo. O termo “amarelo” era usado pelos revolucionários para designar pejorativamente os reformistas. Todavia, tal caracterização pejorativa desvaloriza uma forma de ação que possuiu um número considerável de adeptos e que, a seu modo, conquistou diversas melhorias para os trabalhadores brasileiros, durante a Primeira República. Por muito tempo, a produção acadêmica sobre o assunto sedimentou uma dualidade entre as duas estratégias sindicais, de um lado, os revolucionários, portadores da consciência de classe e representantes do verdadeiro sindicalismo e, do outro, os reformistas, que teriam aderido aos valores dominantes.

Uma classe só existe no momento histórico em que toma consciência de si própria. Esse parece ser o consenso nos estudos mais recentes sobre o assunto.<sup>5</sup> O que é necessário perceber é que a consciência

---

5. Para a discussão sobre a consciência de classe, o destaque é dado à Hobsbawn (2005); Thompson (1984) e Fortes, (2006).

de classe não se refere apenas à consciência revolucionária e que o reformismo, em suas várias formas, é também uma forma de consciência de classe. Talvez um aspecto importante seja a análise da correspondência entre os anseios dos trabalhadores e a ação reformista. Essa compreensão suscita uma questão sobre a atuação da Confederação Católica do Trabalho: teria a estratégia sindical reformista católica correspondido às aspirações e demandas dos trabalhadores da capital mineira?

Se não é possível apontar uma resposta objetiva, negativa ou positiva, para a questão, podem-se apresentar elementos que elucidam ou apontam caminhos para interpretá-la. No aspecto da mobilização e do encaminhamento dessas campanhas, a Confederação Católica do Trabalho teve papel determinante. O processo de reivindicação sempre transcorria sem o recurso a greves ou qualquer tipo de conduta que pudesse ser considerada agressiva contra a autoridade do Estado. Essa forma de agir acabou por consolidar a Confederação Católica do Trabalho como uma entidade mediadora dos conflitos entre capital e trabalho, em Belo Horizonte. O encaminhamento das campanhas pela jornada de oito horas, pelo descanso dominical, pelas moradias para trabalhadores, bem como outras reivindicações,<sup>6</sup> gerou resultados que passaram pela aprovação de leis que garantissem aos trabalhadores o gozo de direitos. A Confederação fez campanha para que essas leis fossem aprovadas e, mesmo após tais conquistas, continuou, à sua maneira, a exercer um papel de fiscalização e de denúncia e, dessa forma, tentou garantir a efetividade de tais conquistas para os trabalhadores de Belo Horizonte. Essas considerações sugerem que a ação da entidade, se não era voltada para a transformação da estrutura social capitalista que gerava efeitos perversos e excludentes, buscava de modo efetivo reformar tal sistema e atender às demandas urgentes que propiciariam a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

## Considerações finais

As interpretações sucintamente desenvolvidas neste artigo nem sempre harmonizam-se com boa parte da literatura sobre as práticas do movimento operário e sindical do período da Primeira República

---

6. A Confederação Católica do Trabalho comandou outras campanhas de menor repercussão, mas não menos importantes, referentes a: acidentes de trabalho, direito de associação, abastecimento de água em bairro operário, feiras livres na capital para venda de gêneros de primeira necessidade, entre outras.



brasileira. As idéias preponderantes sobre o movimento operário tendem a desvalorizar a ação reformista sindical em favor da ação revolucionária.

Nossa proposta é consentânea às idéias que compreendem a consciência de classe como a possível de se processar em determinadas circunstâncias históricas. Nesse sentido, entendemos que o reformismo pode ser percebido como estratégia sindical que pode ter sido assumida conscientemente pelos trabalhadores, nos idos do início do século XX (BATALHA, 2000; KIRK, 2004; SAVAGE, 2004; FORTES, 2004).

Nessa perspectiva, foi possível entender que o alcance do discurso católico, em Belo Horizonte, influenciou uma ação baseada nos princípios do catolicismo, na harmonia entre as classes e a negação das propostas revolucionárias para a resolução da questão social. A afirmação interdiscursiva do catolicismo, ou seja, por meio da contraposição aos discursos antagônicos, e a propagação da moral católica para as relações cotidianas foram as principais estratégias de consolidação do discurso católico utilizadas pela Confederação Católica do Trabalho.

O que tentamos demonstrar foi que a estratégia sindical reformista católica, traço distintivo da organização dos trabalhadores em Belo Horizonte, buscou atender às demandas mais urgentes dos trabalhadores da cidade, referentes à jornada de oito horas, ao descanso dominical e a questão das habitações. Mesmo se consideradas as dimensões moral e religiosa assumidas no encaminhamento das questões, é importante destacar que as campanhas culminaram em conquistas de direitos e na melhoria das condições de vida dos operários, além de estimular a organização dos trabalhadores na cidade.

A pesquisa realizada reforçou nosso entendimento de que, embora os caminhos escolhidos pela confederação para encaminhar as demandas dos trabalhadores passassem sempre por um apelo baseado na moral e fé católicas, sua ação também era a favor do trabalho e da melhoria nas condições de vida dos trabalhadores.

### Abstract

This article analyzes the performance of the Catholic Labor Confederation with workers in Belo Horizonte between 1919 and 1930. For such, it focuses on the Catholic discourse practice, the struggle for rights and better conditions of life, and the mediation of conflicts between capital and labor, with basis on Pope Leo XIII's encyclical *Rerum Novarum*, which diffused Catholicism among Belo Horizonte workers. The discourse analysis methodology aims at grasping the role of Catholic discourse practice and the penetration of Catholicism among those workers. The

research sources are **O Operário** ("The worker") and the **Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte** ("Annals of the Belo Horizonte Deliberative Council"). Criticism attributing to that kind of reformist action the responsibility for little autonomy in the workers' movement – a "yellow" movement, so as to say – is groundless. The author attempts to demonstrate that the reformist trade union strategy tried to meet the workers' urgent demands: eight hours' work daily, Sunday rest and housing.

**Key-words:** Reformism; Catholic discourse; Catholicism and labor.

## Referências

- AMARAL, Deivison Gonçalves. **Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930)**. 2007. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais\\_AmaralDG\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_AmaralDG_1.pdf)> Acesso em: 9 abr. 2007.
- AMARAL, Luiz. OPERARIOS. **O Operário**, Anno V, n. 29. Bello Horizonte, 20 de abr. de 1925. p. 3.
- BATALHA, Cláudio Henrique Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BORIS, Gaudêncio. O OPERARIO CRISTÃO. **O Operário**. Anno 1, n. 4. Bello Horizonte, 21 de jul. de 1921. p. 3.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Unesp, 1991.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Caminhos operários nas Minas Gerais**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- FARIA, Antonio A. Moreira de. Interdiscurso, intradiscurso e leitura. O caso de *Germinal*. In: MARI, H. *et al.* **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-Fale/UFMG, 2001. p. 241-287.
- FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL**, v. 6, n. 10/11, 1999. p. 173-216.
- FORTES, Alexandre. "Miríades por toda a eternidade": a atualidade de E. P. Thompson. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, jun. 2006. p. 197-215.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. O. **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWM, E. J. Notas sobre a consciência de classe. In: HOBSBAWN, E. J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. 4. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 33-54.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1878-1903: Leão XIII). **Carta Encíclica *Rerum Novarum***: sobre a condição dos operários. São Paulo: Loyola, 1991.

IÑIGUEZ, Lupicínio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

KIRK, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Cap. 2, p. 49-72.

MAINGUENEAU, Dominique. Estudos do texto e do discurso - entrevista. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - Revel**, Ano 4, n. 6, mar. 2006. Disponível em: <[http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/edicoes/num\\_6/entrevista\\_maingueneau.htm](http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/edicoes/num_6/entrevista_maingueneau.htm)> Acesso em: 3 ago. 2006.

MATA, Sérgio da. **A fortaleza do catolicismo**: identidades católicas e política na Belo Horizonte dos anos 60. 1996. 281f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PASSOS, Mauro. **A presença e o discurso da Igreja na formação da classe trabalhadora em Belo Horizonte (1890-1930)**. 1986. 235f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando T.; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Cap.1, p. 25-48

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos operários**: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

THOMPSON, E. P. La sociedad inglesa del siglo XVIII, ¿lucha de clases sin clases? In: **Tradición, revolta y consciencia de clase**. Barcelona: Crítica, 1984.

VERIANO, Carlos Evangelista. **Belo Horizonte**: cidade e política – 1897-1920. 2001. 237 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas.